

## Retratos do caráter: *auctoritas* e controvérsia nas práticas letradas francesas modernas

Luiz César de Sá Júnior<sup>1</sup>

1. Este estudo investiga a constituição da *auctoritas* no âmbito de alguns textos franceses do século XVI. Propomos *auctoritas* como um dispositivo técnico que visava a instituir e representar hierarquias sociais. A *auctoritas* não significava “a realidade da psicologia individual de um homem que tem a posse e a propriedade<sup>2</sup>” de determinado texto, mas, antes, sua associação aos nomes considerados superiores em determinado gênero retórico-poético por meio do manejo de tópicos pública e anonimamente compartilhadas.

Por resultar de emulação, a *auctoritas* não implicava os critérios hoje levados em conta na avaliação de um escritor, sobretudo a originalidade; esta era considerada “fingimento inepto”, pois afetar novidade absoluta equivaleria a ignorar o repertório da *consuetudo*:

Para exemplo: os comentadores antigos de Virgílio se esforçaram em minimizar passagens da *Eneida* em que o poeta aparentemente teria tido a iniciativa pessoal de inventar episódios e caracteres não elencados no costume de emular modelos do gênero épico. No século I, sentindo-se incapaz de explicar a história do fim do Livro IV, em que Iris corta o cabelo de Dido, rainha de Cartago, para que ela possa morrer, Cornutus declarou que Virgílio tinha fingido coisas ineptas como quem faz um remendo. Três séculos depois, Macróbio achou a referência na peça *Alceste*, de Eurípedes, e preencheu a

---

<sup>1</sup> Pesquisador de pós-doutorado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> HANSEN, João Adolfo. “Autoria, obra e público na poesia colonial luso-brasileira atribuída a Gregório de Matos e Guerra”. *Ellipsis*, Vol. 12, 2014, p. 104.

lacuna do que teria sido inépcia, como iniciativa individual, e Virgílio voltou a ser o grande poeta que é<sup>3</sup>.

João Adolfo Hansen sugere que a composição do destinatário “como avaliador da eficácia do que se representa” deveria corroborar “a *auctoritas* da proporção que constrói o efeito, evidenciando também a sistematicidade da instituição retórica, em que o ‘bem feito’ é relacional”<sup>4</sup>. Nesse sentido, a *auctoritas* era calcada na capacidade de produzir textos decorosos aos olhos de audiências discretas<sup>5</sup>, podendo resultar em efeitos sociais benéficos ao letrado, como o recebimento de recompensas por parte daqueles a quem se dedicavam os escritos, ou mesmo sua integração a um círculo de mecenato ou clientela<sup>6</sup>. Adicionalmente, a emulação, por significar uma concorrência (que, contudo, não era livre) com escritos que teriam superado as provas do tempo, deveria acarretar a conquista da “imortalidade”, refletida pela incorporação de determinado escrito ao repertório da *auctoritas* para consumo futuro<sup>7</sup>.

Portanto, a *auctoritas* era essencial para a produção e a recepção de discursos naquele período. No caso específico tratado adiante, procuramos demonstrar que os procedimentos de instauração da *auctoritas* vinculavam-se intimamente com a produção de controvérsias. Interessa-nos sugerir que as práticas letradas situadas no interior de um regime retórico dos discursos, ao lançar mão da emulação para rivalizar com os modelos exemplares de dado gênero, recorriam às controvérsias para estabelecer representações de seu valor para o futuro. A

<sup>3</sup> HANSEN, João Adolfo. *Instituição retórica, técnica retórica, discurso...* pp. 25-26.

<sup>4</sup> HANSEN, João Adolfo. “Barroco, neobarroco e outras ruínas”. *Floema Especial*, Ano II, Nº 02, out. 2006, p. 77.

<sup>5</sup> HANSEN, João Adolfo. “O discreto”. In: NOVAES, Adauto (org.). *Libertinos Libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>6</sup> VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain*. Paris: Minuit, 2014 [1985], pp. 51-83.

<sup>7</sup> ENENKEL, Karl. “In search of fame: self-representation in Neo-Latin”. In: GERSH, Stephen; ROEST, Bert. *Medieval and Renaissance Humanism: Rhetoric, Representation and Reform*. Leiden/Boston: Brill, 2003, pp. 93-114.

controvérsia, entendida não como gênero do discurso, mas como função de seu exercício, era, assim, imprescindível. Mesmo situações de franca submissão, como a composição de elogios a um mestre respeitado, suscitavam a disputa decorosa entre os tipos ou *ethe* propostos. Era esta, precisamente, a condição em que Loys Le Roy decidiu redigir um retrato de seu antigo professor, o célebre Guillaume Budé.

2. Equilibrar *otium* e *negotium* era uma qualidade valiosa em meados do século XVI. Se sobre o aprendizado dos conhecimentos antigos pesava o custo de uma dedicação exigente aos estudos, era comum sustentar que ele de pouco servia se não interagisse com os dilemas sócio-políticos<sup>8</sup>. Poucos articularam esses valores com a excelência de Loys Le Roy (1510-1577). Homem de Letras a serviço da corte em missões em vários reinos e principados, tradutor de Aristóteles e de Platão e professor no Collège de France, ele acompanhou de perto os assuntos de Estado, sem descurar dos *studia humanitatis*, o que lhe permitiu construir dispositivos eficazes de louvor à monarquia e a si mesmo.

Le Roy estudou grego e direito em Toulouse graças à recomendação de Guillaume Budé, mudando-se para Paris em 1540. Com a morte do tutor, notabilizou-se ao escrever a *Vita Budaei*, apologia voltada ao letrado mais importante do reino e ao rei Francisco I, associado diretamente à *renovatio* das Letras francesas. O argumentário estabelecido pelo texto desenvolve-se através da exaltação à coincidência feliz que teria promovido a reunião do melhor letrado ao melhor soberano na melhor época, combinação capaz de possibilitar a emulação mais excelente dos antigos<sup>9</sup>.

A vida de Budé é proposta como um caminho sem volta em direção à

---

<sup>8</sup> MÉNDEZ ALONSO, Manuel. "La discusión sobre *Vita Activa*, *Nobilitas* y libertad en La Utopía de Tomás Moro". *Revista portuguesa de filosofia*, Vol. 67, N. 02, 2011, pp. 357-363.

<sup>9</sup> SCIACCA, Enzo. *Umanesimo e scienza politica nella Francia del XVI secolo: Loys Le Roy*. Firenze: Leo S. Olschki, 2007, pp. 14-15.

glória. “As chamas das Letras ardião tanto nele”, escreve Le Roy, “que todo encargo era esquecido”. Budé teria renunciado a todos os prazeres, se escondido de todas as distrações, banquetes, conversas vãs, e até mesmo renunciado a controlar o próprio sono e alimentação. Para ele, “todo instante não consagrado às Letras era um instante perdido”<sup>10</sup>. Mas essa decisão ocasionava duras penas. Le Roy pinta o retrato de um homem consumido pelas tarefas de assistir aos nobres, educar sua prole e dar atenção à esposa. Esses afazeres impediam-no de estudar, acarretando, primeiro, uma doença física (crises respiratórias que lhe roubavam as forças, inchaços ao redor da garganta, dores de cabeça que o impediam de ler), e, depois, o próprio apagamento de sua *persona*, reduzida ao “fantasma de um morto-vivo”:

[...] enquanto ele continuava a nutrir mais paixão pelas Letras do que apego à existência, enquanto pensava que a vida não tem valor se desprovida desse bem, adoeceu de forma grave e duradoura. A doença o afligiu durante mais de vinte anos, de tal maneira que o contentamento desapareceu de sua face quase por completo, assim como a alegria de seu coração, o prazer de viver, a urbanidade e a gentileza de seu trato, a ponto de romper até o amor pelas Letras, fardo cada vez mais pesado. Não se via mais nem mesmo o vestígio ou sombra dele, mas apenas algo como o fantasma de um morto-vivo. Eis os sintomas de sua doença: uma grande dor causada por um inchaço formado ao redor da garganta, que, ao atacar sua nuca furiosamente no meio da noite, causava-lhe um terror tão grande que se surpreendia ao acordar vivo pela manhã [...]. Ciente disso, sua esposa, ao notar que uma crise se avizinhava, tratava da dor de seu marido virando-lhe de várias maneiras e batendo em suas costas. Mas se seguiu então um empalidecimento de sua face, a

---

<sup>10</sup> LE ROY, Loys. G. *Budaei viri clarissimi Vita per Ludovicum Regium, ad Gulielmum poetum magnum...* Parisiis, Apud Ioannem Roigny, 1540, pp. 19-22. Os trechos discutidos foram reeditados e traduzidos por Jacques Chomarot em MARGOLIN, Jean-Claude et alii. *Prosateurs latins en France au XVIe siècle*. Paris: Centre National des Lettres, 1987, pp. 477-493.

rarefação de seus cabelos, ora o emagrecimento, ora o ganho excessivo de peso, assim como uma notável fraqueza nos membros. Embora descrevesse frequentemente seus sintomas aos médicos, estupefatos, não conseguia convencê-los de que fosse acometido por tão mal deletério, do qual não tinham exemplo nem memória [...]<sup>11</sup>.

A disposição de caráter de Budé em circunstâncias “empíricas” delicadas permitia que Le Roy chegasse a uma conclusão de monta: o sucesso de Budé devia-se ao seu empenho único, sem paralelo nem precedente. Mesmo as dificuldades pareciam conspirar nessa direção. A França anterior ao seu nascimento padecia das trevas da ignorância, e esse estado das coisas o deixara sem mestre, condenando-o a um aprendizado tardio. Segundo Le Roy, a fundação do Collège de France e outros esforços empreendidos na elevação das Letras no reino procederam, por isso, das ações de um *opsimathès*, um aprendiz velho.

Do ponto de vista da *paideia*, esse *ethos* do velho aprendiz, associado ao caráter “remoçado”, era encarado negativamente<sup>12</sup>. Teofrasto (*Caracteres*, XXVII) descreve a ὀψιμαθία como um exercício “fora do tempo” cujos resultados são ridículos<sup>13</sup>. A precocidade era dispositivo de enaltecimento

---

<sup>11</sup> “Postremo res eo rediit, dum literarum magis studiosus quam lucis cupidus esse pergit, dum hoc sublato bono vitam nihili putat, in gravem et diuturnum morbum est prolapsus, quo annos plus viginti ita afflictatus est, ut omnis prope hilaritas e fronte, alacritas ex animo, festivitas in occurso, urbanitas et comitas in convictu eximeretur, ingravescens quoque in dies literarum amor infringeretur, ne vestigium quidem eius nec simulachrum, sed quaedam effigies spirantis mortui appareret. Morbus erat eiusmodi, ingens dolor cum tumore circum fauces fiebat, et jugulum tumultuose appetens tantum terrorem interdum noctu inisciebat, ut postridie mane miraretur se incolumem, spiritum recordatus interclusum, et subinde restitutum. Uxor edocta, advenientem morbum et crescentem intelligens, virum varie versando, humerosque feriendo levabat dolorem. Verum inde pallor multus in vultu, raritas pilorum in capite, macies et stupor in corpore, in omnibusque artubus debilitas summa sequebatur. Quae cum medicis stupentibus persaepe narraret, fidem tanti mali facere non poterat, cuius ipsi exemplum non meminissent [...]” LE ROY, Loys. *G. Budaei...*, p. 19.

<sup>12</sup> PARENTY, Hélène. *Isaac Casaubon, helléniste: Des studia humanitatis à la philologie*. Genève: Droz, 2009, pp. 38-39.

<sup>13</sup> “O remoçamento é uma espécie de ânsia de actividade desproporcionada com a idade. Eis o perfil do remoçado. Aos sessenta anos, põe-se a decorar tiradas retóricas, mas vai para recitá-las e,

habitual, como inúmeros exemplos demonstram – pensemos em Montaigne, que afirmava ter lido Ovídio, Virgílio, Terêncio e Plauto aos oito anos de idade (*Essais*, I, 26)<sup>14</sup>. Isso evidencia a engenhosidade de Le Roy, que representou o atraso de Budé nos moldes de um obstáculo ínfimo perante as virtudes (sempre agasalhadas pela providência<sup>15</sup>) que viera a adquirir.

As origens do *tipo* formulado por Le Roy remontam, de certo modo, aos próprios escritos de Budé. Em *De philologia* (1532), ele narra um jantar à mesa do rei, quando um amigo íntimo, capaz de prestar testemunho de sua vida<sup>16</sup>, alega que ele jamais descansava, nem mesmo nos dias festivos. “Ele também diz outras coisas”, prossegue o texto, “insólitas e excepcionais de todos os modos, mas totalmente únicas em se tratando de um homem maduro, pai de família e encarregado de uma função pública, levando, de resto, uma vida civil normal”. Após esses comentários, os

---

entre um copo e o seguinte, passaram-lhe de ideia. Aprende com o filho: ‘Direita!’, ‘Esquerda!’, ‘Meia volta, volver!’ Nas festas dos heróis, junta-se à rapaziada para participar na corrida dos fachos” (XXVII, 1-4).

<sup>14</sup> Evidentemente, no caso de Montaigne, a referência apresenta-se em um contexto diferente, de performance das limitações de um letrado socraticamente desprovido de *auctoritas*, afinal, as leituras de juventude entram em choque com a suposta falta de sapiência do leitor ao manejá-las. “Je n’ai point l’authorité d’estre creu, ny ne le desire, me sentant trop mal instruit pour instruire autruy”. MONTAIGNE, Michel de. *Essais de Michel siegneur de Montaigne*. Cinquiesme edition, augmentée d’un troisieme livre et de six cens additions aux deux premiers. A Paris, chez Abel l’Angellier, au premier pillier de la grand salle du Palais, 1588, f. 54 v.

<sup>15</sup> Le Roy insistia que apenas o benefício celeste do gênio natural facultava a perfeição nas Letras: “Certes Lucien à tres bien dit que le sçavoir avoit besoin de grand labour, long temps, fortune splendide, et de non petite despense. Et est fort difficile parvenir de soy, sans aide et moyen: encor avec tous les avantages qu’on pourroit souhaitter, est il impossible de venir à la perfection de savoir, sans une singuliere bonté de nature accompagnée de quelque faveur celeste, et de la grace divine tellement qu’en plusieurs centaines et millaines d’ans se trouve à grand peine un personnage digne d’admiration.” LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l’amour et de beauté*. Traduit de Grec en François, avec trois livres de Commentaires, extraictz de toute Philosophie et recueillis des meilleurs authours tant Grecz que Latins, et autres, par Loys le Roy, dit Regius. A Paris, Pour Jehan Longis et Robert le Magnyer, tenant leurs boutiques au Palais, en la gallerie par ou on va à la chancellerie, 1558, f. 182r.

<sup>16</sup> “Mais, Sire – dit il –, Budé a habité plus de dix ans en face de ma maison, et moi-même je siègeais au Conseil tout à côté de lui”. In: BUDÉ, Guillaumé. *De Philologia*. In: MARGOLIN, Jean-Claude et alii. *Prosateurs latins en France au XVIe siècle...*, pp. 166-167.

convivas teriam se voltado a Budé, encarando-o atentamente, como se aguardassem seu desmentido ou sua confirmação. Eis a resposta:

Sem dúvida, Sire, a verdade é aquela que ele acaba de descrever, mas durante muito tempo fiz ainda mais: coisas que não se manifestaram abertamente, e que, penso, não teriam sido verossímeis de todo modo. Mas julgava necessário aplicar-me a tudo seriamente, mesmo o máximo possível, pois não era particularmente dotado, e foi somente no fim de minha adolescência que comecei a me tornar, não digo discípulo, mas um aprendiz desse estudo; pertencia de fato à raça daquele Aristipo que era chamado de Metrodidata<sup>17</sup>; em suma, eu fazia tudo por conta própria, já que não havia ninguém a quem pudesse apelar.

Tudo isso se passou, em grande medida, após a morte de meu pai. Este, que inicialmente mostrou-se indulgente, subvencionando todas as minhas necessidades, embora tivesse três irmãos mais velhos e quatro mais jovens [...], cessou suas contribuições aos meus estudos após alguns anos. Ele se deu conta de que todas as preocupações da juventude, todas as coisas divertidas e sérias que outrora haviam-me cativado foram prontamente dispensadas em prol do estudo das Letras, de modo que meu espírito, com o ardor de sua idade e de sua natureza, dedicara todos os esforços exclusivamente à Filologia. Parecia-lhe absurdo que eu a amasse

---

<sup>17</sup> Aristipo, o metrodidata, filho de Arete e neto de Aristipo, é citado por Diógenes Laércio (II, 83; 86) entre os “cirenaicos”, a “raça” de que Budé teria se libertado. A dita escola cirenaica propunha como finalidade a felicidade representada pelo prazer, entendido como um movimento suave, rechaçando a dor. “Los que se mantuvieron fieles a la doctrina de Aristipo y son llamados Cirenaicos sostienen las tesis siguientes: toman como básicos dos estados de ánimo (*páthe*), placer y dolor, de los que el uno, el placer, consiste en un movimiento suave, y el otro, dolor, en un movimiento áspero. Que no difere un placer de otro, ni ninguno es más placentero que otro. Y lo uno (el placer) es agradable a todos los seres vivos, y lo otro (el dolor) es objeto de rechazo” (II, 86-87).

loucamente e sem rival, e, a longo prazo, catastrófico para meus bens e meu futuro<sup>18</sup>.

Em carta enviada a Thomas More, anos antes, em 1518, Budé apresentava as mesmas tópicas, associando diretamente o ardor pelas Letras aos riscos enfatizados pela figura de seu pai em *De Philologia*. Baseava-se no acolhimento irrestrito da vida contemplativa, única forma de disciplinar-se no emprego do tempo necessário para o domínio da matéria que almejava emular: “Penso que não poderia ter suportado até aqui, com tanta obstinação (ou constância), esse modo de vida que adotei há cerca de vinte e oito anos se uma força poderosa e fatal não tivesse me desviado das preocupações da vida ativa”<sup>19</sup>.

Uma consequência desse afastamento irrestrito da vida ativa e mesmo do contato contínuo com outros representantes da “República das Letras” levou a que os textos de Budé fossem taxados de “obscuros”, excessivamente digressivos e eruditos, perdendo, assim, as capacidades ciceronianas de mover, deleitar e ensinar. É o que observou Erasmo ao comentar o *De Asse* (1514), livro admirado por Morus. Segundo Erasmo, a “eloquência” de Budé havia se estendido tão profundamente que mais parecia um oráculo, pleno de obscuridades desestimulantes; afinal, como dizia, “mesmo eu não pude compreendê-lo...”<sup>20</sup>. Além disso, as associações entre argumentos distantes e, por vezes, disparatados, instituíam uma desordem que empobrecia o texto aos olhos de outrem, ainda que eles de fato testemunhassem o “brilho” e a “beleza” do saber de Budé<sup>21</sup>. Em suma, seu isolamento o enfraquecia perante os pares, à

---

<sup>18</sup> BUDÉ, Guillaumé. *De Philologia*. In: MARGOLIN, Jean-Claude et alii. *Prosateurs latins en France au XVIe siècle...*, p. 168.

<sup>19</sup> ROGER, Elizabeth Frances. *The correspondence of Sir Thomas More*. Princeton: Princeton University Press, 1947, pp. 129-132.

<sup>20</sup> GARANDERIE, Marie-Madeleine. “L’harmonie secrète du *De Asse* de Guillaume Budé”. *Bulletin de l’Association Guillaumé Budé*. Nº 27, 1968, p. 477.

<sup>21</sup> GARANDERIE, Marie-Madeleine. “L’harmonie secrète du *De Asse* de Guillaume Budé...”, p. 478.



medida que, quanto mais aprendia, menos podia ensinar.

Mas, ao contrário do que as críticas de Erasmo poderiam nos levar a imaginar, os sofrimentos de Budé não foram forjados como fraquezas de um homem atormentado, mas como um *ethos* cuja *auctoritas* calcava-se na “doença dos heróis”<sup>22</sup>: a melancolia<sup>23</sup>.

O refluxo de bile negra irradiado pelo corpo como melancolia era considerado sintoma (e causa) de um engenho raro. Nos *Problemata* (XXX), Aristóteles propõe que poucos a possuíam, mas o traço que os unia era sempre o da excelência na política, na poesia ou na filosofia. Ajax, Belerofonte, Lisandro, Hércules, Empédocles, Platão, Sócrates seriam exemplos dessa condição. No caso de Ajax, é dito que suas agruras eram tão penosas que ele teve de se recolher no deserto, distante de todos os mortais, feito um deus acuado. Sobre todos se comenta que as aflições mentais relacionam-se às dores físicas. Uma metáfora parece-nos essencial: Aristóteles compara a melancolia a uma embriaguez permanente; ela é potencialmente benéfica, pois viabiliza a produção de escritos extraordinários, embora cobre um preço elevado, consumindo aquele que convive com ela<sup>24</sup>.

O *ethos* do melancólico possuído pelo furor do gênio prevê, portanto, que ele viva no limiar da sanidade, sem, no entanto, perdê-la<sup>25</sup> – o que

---

<sup>22</sup> “Cumque digressi essemus, ‘non tempestive’ inquit Favorinus ‘hunc hominem accessimus. Videtur enim mihi episemainesthai. Scitote’ inquit ‘tamen intemperiem istam, quae melancholia dicitur, non parvis nec abiectis ingeniis accidere, alla einai schedon ti to pathos touto heroikon et veritates plerumque fortiter dicere, sed respectum non habere mete kairou mete metrou. Vel ipsum hoc quale existimatis, quod nunc de philosophis dixit? nonne, si id Antisthenes aut Diogenes dixisset, dignum memoria visum esset?’” (*Noites áticas*, XVIII, 7, 4).

<sup>23</sup> PANOFSKY, E; SAXL, Fritz; KLIBANSKI, Raymond. *Saturn and melancholy: studies in the history of natural philosophy, religion and art*. Oxford: Oxford University Press, 1979, p. 16.

<sup>24</sup> PANOFSKY, E; SAXL, Fritz; KLIBANSKI, Raymond. *Saturn and melancholy...*, pp. 18-29.

<sup>25</sup> CARVALHO, Cláudio Alexandre S. “O *Problema* XXX e o tratamento da condição melancólica em Aristóteles”. *Revista filosófica de Coimbra*, N. 04, 2015, p. 29.

consistiria na ausência de prudência, falta imperdoável<sup>26</sup>. É este o caso de Budé, que, aos olhos de Le Roy, resistiu “invicto” às investidas da loucura e converteu-se em um estudioso profícuo, cumprindo, assim, seu destino, a saber, integrar o repertório da *auctoritas*. A partir de então, todos os seus empreendimentos foram bem-sucedidos e, além disso, absolutamente singulares. Traduções, concluídas enquanto estava doente, resultaram admiráveis; seu conhecimento do direito civil teria sido o primeiro a iluminar as fontes antigas empregadas para sua confecção<sup>27</sup>. A própria doença era inaudita, pois, como vimos, nenhum médico podia correlacionar seus sintomas à memória disponível nas tratadísticas.

O próprio Budé corroborava essa perspectiva em resposta às críticas de Erasmo. Reunir elementos muito dessemelhantes, dizia, era prova de agudeza, e era precisamente a capacidade de discernir os mistérios do livro que indicaria aqueles verdadeiramente dignos de lê-los. Essa “harmonia” secreta dignificava as “obscuridades”, e o isolamento funcionava como defesa à intromissão de letrados ineptos:

Eu de fato quis exprimir certo número de ideias de modo enigmático, de modo a permanecer como que pessoalmente abrigado e distante sem deixar de dizer o que gostaria, algo que tu bem compreendeste ao comparar-me a Loxias [Apolo] de Delfos.

---

<sup>26</sup> Veja-se, por exemplo, o que prescreve Cícero: “De fato, a eloquência é uma das mais altas virtudes. Embora todas as virtudes sejam iguais e semelhantes, uma espécie é mais bela e ilustre do que a outra. Tal como este poder, que, abarcando o conhecimento das coisas, desenvolve com palavras as ideias e os desígnios da mente de tal forma que é capaz de impelir os ouvintes para onde quer que se incline. Quanto maior é esse poder, mais deve ser atrelado à honestidade e a uma enorme prudência. Se confiarmos a riqueza oratória a homens desprovidos de tais virtudes, não estaremos produzindo um orador, mas dando certas armas a loucos” (*De Oratore*, III, 55).

<sup>27</sup> “Contudo, nenhum daqueles males, embora deveras cruéis, o estilhaçou, pois sua alma era invencível e refratária às dificuldades” (*Verum nihil horum malorum, quanquam peracerba erant, eum labefactavit, ut erat animo invicto, et reluctantem semper difficultatibus*). LE ROY, Loys. G. *Budaei...*, p. 20.

Por acaso ignoras esta máxima de Salomão: ‘a linguagem velada é para a glória de Deus’? Este sábio não quis, ao falar de coisas difíceis e misteriosas, ser compreendido por profanos, nem mesmo por delicados<sup>28</sup>.

O hermetismo calcado na ausência de explicações para os ornatos dialéticos suscitados pelo *De Asse* remete, por analogia, aos mistérios da Causa Primeira, que havia inscrito inúmeras semelhanças no mundo que apenas os mais argutos ou tementes poderiam perceber. Budé propunha-se, então, como um decifrador, e a economia de suas palavras estava para a sabedoria assim como o excesso delas estaria para a ignorância<sup>29</sup>.

Tudo considerado, temos em Budé uma autorrepresentação que foi recuperada desde o prefácio da *Vita Budaei*, quando Le Roy lembra o costume antigo de compor estátuas de mármore àqueles dignos de suscitar a emulação<sup>30</sup>. Tendo “iluminado” o reino francês com seus escritos, Budé teria ascendido ao panteão da “cidade letrada”, o que se traduzia no sucesso de Francisco I. Quanto a Le Roy, firmava seus laços de afinidade com os poderes letrados e políticos, e o viabilizava enquanto êmulo do antigo mestre.

**3. A autorrepresentação que produziu em torno dessas atividades difere sensivelmente daquela proposta à memória de Budé, organizando-se em**

---

<sup>28</sup> “J’ai eu soin d’exprimer de façon énigmatique un certain nombre d’idées... afin de rester personnellement comme à l’écart et à l’abîm, tout en disant néanmoins ce que j’avais envie de dire ; c’est ce que tu as bien compris en me comparant à Loxias de Delphes. Ignores-tu cette maxime de Salomon : ‘C’est la gloire de Dieu, de voiler son langage’ ? Ce sage n’a pas voulu, parlant de choses difficiles et mystérieuses, se faire entendre des profanes, ni même des délicats”. GARANDERIE, Marie-Madeleine. “L’harmonie secrète du *De Asse* de Guillaume Budé...”, p. 479.

<sup>29</sup> “Tudo o que dixêres seja mui considerado, nem s’atormente ante Deos teu coração com muyto falar. Deos estaa nos çeeos, e tu sobela terra, pello que sejam poucas tuas palavras, porque assi com’ ou trabalho segue o sono, assi nas muytas palavras se acha muyta ignorantia” (*Eclesiastes*, V, 1). Evidentemente, a ignorância a que a abundância das palavras se refere no *Eclesiastes* fundamenta uma crítica à vaidade; o texto vai, nesse sentido, ao encontro das críticas de Erasmo.

<sup>30</sup> MAGNIEN, Michel. “Portrait de Budé en ‘intellectuel’: la *G. Budaei viri clarissimi Vita* de Loys Le Roy (1540)”. *Renaissance and Reformation*, XXIV, Vol. 4, N. 29, 2000, p. 30.

torno de glórias que apenas o *negotium* poderia proporcionar. Le Roy afirma, no posfácio de sua tradução do *Symposium*, que as Letras de nada valem sem a “experiência”. A leitura dos bons “autores” só frutificaria quando “reduzida” a um conjunto de aconselhamentos de uso prático<sup>31</sup>. A própria comparação entre *auctoritates* que exerceram e não exerceram funções públicas constituiria prova cabal de que a vida na *pólis* atribuía aos escritos a densidade de um saber útil. Os caracteres do melancólico solitário dão lugar, portanto, à noção de pertencimento à *vita activa*, muito eficaz no elogio de homens ilustres porque diretamente vinculada à defesa cívica do bem comum.

A ênfase no retrato de aprendiz velho e solitário aplicado a Budé desloca Le Roy ao espectro oposto. Sua inclinação às Letras o teria levado ao contato recorrente com outros letrados. A proximidade dos “homens mais eruditos deste tempo”, “os quais sempre frequentei, estimei e honrei”, ter-lhe-ia aberto as portas da corte<sup>32</sup>. Com isso, pôde, segundo seu discurso, nutrir-se de ensinamentos calcados no exercício prático do poder, o que se refletia mesmo além da corte francesa, pois havia sido enviado a inúmeras missões diplomáticas; na Inglaterra, teria visitado “as regiões mais renomadas”, conhecido o exército, comparando tudo aquilo que via com as leituras prediletas de seus mestres: “propondo-me a ler, ouvir, praticar, adquirir saber através da experiência, pois são imperfeitas uma sem a outra; a experiência engendra a arte, e a arte a conduz, como muito bem diz Platão em *Górgias*”<sup>33</sup>.

As dinâmicas entre vida ativa e vida contemplativa residem no centro das

---

<sup>31</sup> “Considerant long temps y a que les lettres sans experience estoient inutiles, j’ay toujours essayé des ma jeunesse reduire tout ce que je lisois es bons auteurs, aux memes choses dont ilz parloyent, et d’en apprendre la nature, et vray usage sur elles.” LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l’amour et de beauté...*, f. 180v.

<sup>32</sup> LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l’amour et de beauté...*, ff. 180v-181r.

<sup>33</sup> “[...] Taschant par veoir, ouyr, lire, prattiquer, acquerir sçavoir avec experience, qui sont l’un sans l’autre imparfaitz, pourtant que l’experience engendre l’art, et l’art la conduit: comme dit tres bien Platon au Gorgias.” LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l’amour et de beauté...*, f. 181r.

preocupações de *Górgias*. Por essa razão, os leitores discretos de Le Roy deveriam reconhecer que o pupilo não se limitou a imitar Budé, empregando uma modalidade distinta de nobilitação.

Em que diferiam? Além de recuperar os argumentos elaborados por Budé, a *Vita Budaei* beneficiava-se do elogio fúnebre, variedade do epidítico particularmente eficiente em louvores amplificados<sup>34</sup>. Como ensinavam repertórios antigos de sua execução excelente (Isócrates, Lísias)<sup>35</sup>, a morte constituía uma muralha quase intransponível ao vitupério, o que franqueava ao escritor do panegírico ampla margem de manobra, uma vez que o espaço de sua fala era altamente ritualizado<sup>36</sup>. Daí a licença para que extrapolasse quaisquer parâmetros no louvor a Budé, tentando torná-lo único<sup>37</sup>. O procedimento pode ser comparado à *Apologia de Sócrates* elaborada por Xenofonte. No elogio à morte de Sócrates, Xenofonte emprega comparativos de superioridade, argumentos altos, por assim dizer: ela teria sido a melhor morte possível, como o próprio Sócrates

---

<sup>34</sup> Tecnicamente, a amplificação é avalizada pelo uso de *loci* admitidos por todos – *res certa*, como sugere Cícero, por oposição a argumentos discutíveis, *res dubia*; aqueles são particularmente necessários à confecção de entimemas, “corpos da persuasão”, como prescreve Aristóteles na *Retórica* (1354a). RAMBOURT, Camille. *Topos: Les premières méthodes d’argumentation dans la rhétorique grecque des Ve-IVe siècles*. Paris: Vrin, 2015, p. 35.

<sup>35</sup> PÉCORA, Alcir. “A história como colheita rústica de excelências”. In: PÉCORA, Alcir; SCHWARTZ, Stuart B. *As excelências do governador: o panegírico fúnebre a D. Afonso Furtado, de Juan Lopes Sierra (Bahia, 1796)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, pp. 47-48.

<sup>36</sup> Como diz Ricoeur, “[...] Todas as vezes que pronunciamos ou escrevemos a frase: ‘em memória de...’, inscrevemos o nome daqueles que trazemos à memória no grande livro da co-lembrança, que se inscreve, por sua vez, no tempo maior”. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007, p. 60.

<sup>37</sup> Não fosse a amplificação, a *bios* de Budé estaria mais próxima dos exempla que perseguiram a vida contemplativa graças a ao “desígnio”: “A esse método, continuado, de refletir e falar, e a esse poder do discurso, os gregos denominavam ‘sabedoria’. Daqui provieram os Licurgos, os Pitacos, os Sólon, bem como, por essa semelhança, os nossos Coruncanos, Fabricios, Catões, Cipião, talvez não tão doutos, mas dotados de entusiasmo e vontade semelhantes. Outros, dotados de idêntica prudência, mas tendo um desígnio diferente para os estudos da vida, buscaram a paz e o ócio, como Pitágoras, Demócrito, Anaxágoras, os quais, afastando-se totalmente do governo dos estados, aplicaram-se ao conhecimento das coisas. Esse tipo de vida, devido a sua tranquilidade e ao atrativo do conhecimento em si, de que nada pode ser mais agradável aos homens, deleitou mais pessoas do que era útil aos assuntos públicos” (*De Oratore*, III, 56).

explicara pouco antes de cometer suicídio<sup>38</sup>, ao passo que mesmo a doença de Budé, como vimos, gozava do arriscado<sup>39</sup> privilégio da “singularidade”.

Sócrates era, aliás, frequentemente mobilizado no elogio a essa forma notável de engenho, como evidenciam alguns exemplos. Um adágio de Erasmo que circulou amplamente naqueles anos, *Sileni Alcibiades* (1515, publicado em Paris em 1525)<sup>40</sup>, o descreve como campeão da sabedoria graças à visibilidade honesta de sua ignorância, que, também a exemplo das doenças de Budé, se percebia em seu corpo<sup>41</sup>. A atribuição de excelência a Sócrates era comum na França, onde ele foi alçado ao posto de “príncipe dos filósofos” por letrados como Rabelais e Montaigne<sup>42</sup>.

O prólogo do *Gangântua* (1534) é eloquente nesse sentido, garantindo que

<sup>38</sup> “Que consideras tu que há de espantoso em que também o deus ache que é melhor para mim morrer agora? Não sabes que até este momento tenho considerado quenenhum homem usufruíra de uma vida melhor do que a minha? E, o que é mais agradável ainda, eu tinha consciência de ter vivido toda a minha vida com piedade e com justiça, de modo que, tendo por mim próprio grande estima, sentia que aqueles que conviviam comigo me consideravam de igual modo. Agora, pelo contrário, se a minha idade continuar a prolongar-se, sei que será necessário que sofra as consequências da velhice [...]” (*Apologia de Sócrates*, 5,6).

<sup>39</sup> Conforme a descrição de Le Roy, os médicos tinham dificuldade de acatar a *fides* do relato de Budé porque ele não constava da *consuetudo*, não havendo nem exemplo nem memória comparáveis. Essa incerteza só podia ser garantida por um elogio inatacável, que coaduna a excepcionalidade da vida à comemoração da memória do falecido.

<sup>40</sup> ROTTERDAM, Erasmo. *Sileni Alcibiadis, per Des. Erasmus Roterodamum. Cum Scholiis Ioannis Frobenii, pro graecarum vocum & quorundam locorum apertiori intelligentia ad calcem adiectis*. Parisiis, Ex Officina Roberti Stephani Eregione Scholae Decretorum, 1527.

<sup>41</sup> Para exemplo, vejamos alguns excertos: “Qualquer um que não o conhecesse não lhe prestaria a mínima atenção. Ele tinha o rosto de um rústico imbecil, um tanto bovino, com o nariz cheio de muco”; “[se o tivesses conhecido], pensarias que ele era lento e tolo”; sua aparência era desgrenhada, sua fala era lhana, plebeia e humilde, pois sempre falava a carroceiros, sapateiros, pisoeiros e ferreiros [...]” [Facies erat rusti cana, taurinus aspectus, nares si mae, muccoque plenae, Cultus neglectus, sermo simplex, ac plebeius, & humilis, ut qui semper aurigas, cerdones, fullones & fabros haberet in ore]. ROTTERDAM, Erasmo. *Sileni Alcibiadis...*, ff. 2-3.

<sup>42</sup> MAGNIEN, Michel. “Montaigne et Erasme: bilan et perspectives”. In: SMITH, Paul J; ENEKEL, Karl (orgs.). *Montaigne and the Low Countries*. Leiden: Brill, 2007, p. 39.

o valor de Sócrates estaria acima de qualquer dúvida<sup>43</sup>. Ademais, o nome “Sócrates” prestava-se à analogia com Cristo por compartilharem uma série de características que faziam do grego uma figura<sup>44</sup> de sua contraparte cristã. Ambos eram pobres, ambos valeram-se da oralidade como forma de persuasão, ambos foram duramente perseguidos, ambos morreram por causa de suas doutrinas, ambos foram condenados pelos representantes da justiça, etc.<sup>45</sup>. Esses lugares-comuns coadunavam-se bem com os dispositivos de *auctoritas* vinculados à percepção de que o letrado fora “único”, pois dependiam fortemente da *amplificatio*<sup>46</sup>.

Quanto ao *ethos* apresentado no posfácio do *Symposium*, não se trata da rememoração de glórias passadas, mas de um letrado atuante na esfera política e, por conseguinte, mais susceptível às críticas. A estratégia de auto-elogio volta-se, assim, à integração ao corpo comum dos letrados engajados em atividades semelhantes. Esse objetivo era atingido com a interpolação do argumento da experiência ao da ação política<sup>47</sup>. Sua simbiose impunha-se como condição fadada a impedir o “endurecimento” das ideias adquiridas através da leitura, cujo uso isolado

---

<sup>43</sup> RABELAIS, François. *Gargantua*, 1534. “[...] Alcibiades en un dialogue de Platon intitulé *Le Banquet*, louant son precepteur Socrate, sans controverse prince des philosophes [...]”, f. 1r.

<sup>44</sup> No sentido específico conferido ao termo por AUERBACH, Erich. “Figura”. In: *Scenes from the drama of the European literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984, pp. 11-76.

<sup>45</sup> MARTIN-ULRICH, Claudie. “*Je pareillement*: la figure de Socrate dans les *Essais* de Montaigne”. In: TADIÉ, Alexis (org.). *La figure du philosophe dans les lettres anglaises et françaises* (XVIe – XVIIIe siècles). Paris: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2010, pp. 26-27.

<sup>46</sup> Cícero insistia que a vocação dos lugares-comuns era precisamente amplificar a verdade demonstrada pelos argumentos: “pois esses argumentos a provar que aquilo que dizemos é verdadeiro, enquanto os lugares-comuns, ainda que também se destinem a essa finalidade, visam a amplificar” (*De inventione*, II, 51) [In illis enim finis est, ut id quod dicitur verum esse videatur, in his, tametsi hoc quoque videri oportet, tamen finis est amplitudo].

<sup>47</sup> Tópica de resto bastante recorrente. Veja-se o exemplo de Maquiavel: “Desiderando io adunque offerirmi alla vostra Magnificenzia con qualche testimone della servitù mia verso di quella, non ho trovato, intra la mia supellettile, cosa quale io abbia più cara o tanto existimi quanto la cognizione delle actioni delli uomini grandi, imparata da me con una lunga esperienza delle cose moderne et una continua lectione delle antiche”. MAQUIAVEL, Nicolau. “Nicolaus Machiavellus magnifico Laurentio Medici salutem”. In: *De Principatibus*. Traduction et commentaires de Jean-Louis Fournel et Jean-Claude Zancarini. Paris: PUF, 2014, p. 75.

era considerado especulativo:

Assim, o entendimento dos homens alimentados somente pela especulação concebem diversas opiniões apartadas do senso comum, e não têm a mesma destreza das opiniões daqueles que as combinam com a ação. Seus discursos têm o mesmo vigor que as plantas e frutos que se desenvolveram à sombra, e, se verificarmos seus escritos, descobriremos que são tão diferentes quanto a pintura difere dos corpos vivos<sup>48</sup>.

Desprovidas do conhecimento empírico que apenas aqueles que caminham ao lado dos notáveis estariam habilitados a envergar, as ideias dos homens atinentes à especulação pura são reduzidas a simulacros. Platonicamente, passam à esfera dos *eidola*, sombras frágeis emanadas do discurso sofista<sup>49</sup> e, por conseguinte, incapazes de perdurar na memória letrada como *auctoritas*. Aqui, a solidão e o isolamento são negativos. Contudo, essa tomada de posição não acarretava necessariamente a desconstrução da *persona* Guillaume Budé. Como

---

<sup>48</sup> “[...] Ainsi les entendemens des hommes nourris en la speculation seulement, conçoivent plusieurs opinions esloignées du sens commun, et n’ont telle dextérité que ceux qui y adjoustant l’action: de maniere que leurs discours n’ont vigueur non plus que les herbes ou fruitz nourris en l’ombre, et si l’on confere leurs escrits, on les trouvera autant differens que sont les peintures des corps vivants”. LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l’amour et de beauté...*, f. 180v.

<sup>49</sup> Evidentemente, não se trata de distinguir entre discursos sofistas e verdadeiros, pois são todos retóricos, coexistindo no interior de uma mesma pragmática. Para João Adolfo Hansen, os dispositivos platônicos são a “teatralização anti-teatral” de uma “retórica antirretórica”: “Assim como fica evidente nas técnicas retóricas a que Platão recorre para escrever os *Diálogos* contra as muitas retóricas de seus concorrentes, como Górgias e Protágoras, que classifica como sofistas, cada uso propôs a sua técnica particular como a única boa e autêntica Retórica, pois sempre se tratava da disputa pela autoridade do discurso em práticas que tornam enganosas totalizações que façam pressupor a neutralidade ou o consenso quanto a uma suposta unidade de “a Retórica” e seus usos.” HANSEN, João Adolfo. *Instituição retórica, técnica retórica, discurso...*, p. 21. Ricoeur, em artigo escrito com Irène Tamba-Mecz, reforça esse argumento: “Ce n’est donc pas au niveau très organisé de la rhétorique que la parole est toujours éloge ou blâme: c’est dès que nous ouvrons la bouche. Les conséquences en sont importantes en matière d’art et même de science; l’art est magnification ou satire: il n’est ‘réaliste’ que pour faux-semblant, Et les historiens qui parlent d’une civilisation, non sur un ton discrètement apologétique, mais sur un ton neutre, sont suspects de vouloir ‘juger’ cette civilisation, c’est-à-dire de la blâmer. Tout langage *valorise*.” RICOEUR, Paul; TAMBA-MECZ, Irène. “Metaphora et comparaison selon Aristote”. *Revue des études grecques*, tome 92, fascicule 436-437, Janvier-Juin 1979, p. 94.



aquela discursividade em que se originou não se calcava em aspectos psicológicos, é inviável interpretá-la como contradição. Le Roy autorrepresentou-se com a ciência de que persuadiria seu “auditório” em circunstâncias diferentes, efetuando uma teatralização que partia de um conflito discreto entre os *ethe*. Ao fazê-lo, Le Roy estabeleceu uma emulação que não abandonava de saída o território da concórdia.

Isso somente era possível porque havia certa flexibilidade no entendimento do que fosse *auctoritas*. Le Roy enxergava três critérios, mas era receptivo à ideia de que as dosagens de cada um deles variassem segundo os parâmetros da vontade divina representada pela influência humoral. Eles eram: a natureza, a doutrina e a imitação<sup>50</sup>. O critério da “natureza” ou “inclinação natural” reportava-se às prescrições de Quintiliano, para quem as técnicas oratórias não poderiam ser impecáveis sem que o letrado tivesse sido particularmente dotado pelas musas. A educação de um aprendiz inepto, que não detivesse aptidão mínima para dedicar-se aos estudos, seria uma perda de tempo para o tutor, que se abandonaria a redigir um longo “tratado sobre o cultivo dos campos em terras improdutivas” (*Proemium*, 26). No caso das práticas letradas modernas, entendia-se, de modo geral, que o letrado só atingiria *auctoritas* se combinasse a emulação disciplinada das *auctoritates* dos gêneros que praticava graças (ou em razão do) a um engenho dotado por Deus. Como definirá um dicionário posterior, o gênio “é um demônio bom ou mau que os antigos acreditavam acompanhar os homens ilustres”. É, assim, uma característica associada, e não propriamente pertencente ao indivíduo<sup>51</sup>.

Um exemplo proveniente do mesmo contexto é aquele de Vasari, que louvou a memória de Michelangelo nas *Vite* a partir de um acordo especial entre a vontade celeste e seu receptáculo terrestre:

---

<sup>50</sup> “Nature qui est l’inclination et adresse vers quelque oeuvre, Doctrine qui excite et parfait les dons de la nature, imitation par laquelle nous voulons rendre semblables à ceux qui ont excellé au mesme exercice que deliberons faire [...]”. LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l’amour et de beauté...*, f. 181r.

<sup>51</sup> MCMAHON, Darrin. *Divine Fury: a history of genius*. New York: Basic Books, 2013, p. 164.

Enquanto os industriosos e egrégios espíritos, ao lume do famosíssimo Giotto e de seus discípulos, esforçavam-se em dar ao mundo prova do valor que a benignidade das estrelas e a bem proporcionada mescla dos humores haviam dado a seus engenhos e, por toda a parte, em vão se esmeravam, desejosos de imitar com a excelência da arte a grandiosidade da natureza, por se aproximar quanto pudessem desta suma cognição que muitos chamam inteligência, o boníssimo Reitor do Céu voltou clemente olhos à Terra e, ao ver a vã infinitude de tanta labuta, os ardentíssimos estudos sem fruto e a presunçosa opinião dos homens, bem mais distante da verdade que as trevas da luz, dispôs-se, para arrancarnos de tantos erros, a enviar à Terra um espírito que em cada arte e em todas as profissões fosse universalmente hábil, trabalhando só [...].<sup>52</sup>

O letrado efetivamente engenhoso era aquele que havia realizado proezas suficientes para ser comparável aos melhores modelos. Seu sucesso o elevaria, então, acima do tempo de sua existência empírica, de modo a metamorfosear-se em um *nome* substancializado pela coletividade<sup>53</sup>. A definição, desnecessário insistir, é tão adequada ao *ethos* de Budé proposto por Le Roy quanto o era no caso de Vasari e Michelangelo. Ambos foram de fato monumentalizados, no sentido cunhado por Horácio (*Carmina*, III, 30)<sup>54</sup>, ou, para retomar a metáfora extraída das teorias da

---

<sup>52</sup> VASARI, Giorgio. *Vida de Michelangelo Buonarroti*. Trad. Luiz Marques. Campinas: UNICAMP, 2011, p. 1.

<sup>53</sup> A lógica de funcionamento desse dispositivo é análoga àquela que preside à representação do poder real, calcada na noção de *Dignitas non moritur* que, como explica Héléne Merlin, “permet de doter une communauté d’un caractère suprapersonnel et de faire durer son *ordre* au-delà de la simple vie mortelle des membres qui la composent”. MERLIN-KAJMAN, Héléne. *L’absolutisme dans les lettres et la théorie des deux corps: passions et politique*. Paris: Honoré Champion, 2000, p. 7.

<sup>54</sup> *Exegi monumentum aere perennius*, “concluí um monumento mais perene que o bronze”. Sobre o assunto, cf. MOREIRA, Marcello; AMARAL, Eronildes Teixeira. “Poética, retórica, política e memória nos epitáfios do poeta português Pêro de Andrade Caminha”. *Revista do GEL*. São Paulo, Vol. 11, N. 1, 2014, p. 58.

*auctoritas*, tornaram-se “estátuas”.

Le Roy, por seu turno, também poderia se fiar no campo conceitual do gênio. Antoire Furetière, responsável pelo dicionário de 1690, complementa a entrada mencionando que “gênio” se refere à concórdia necessária à sobrevivência de qualquer sociedade. “Para fazer uma sociedade duradoura, é necessário que ela se estabeleça entre pessoas de mesmo gênio; um homem não pode ser bem-sucedido quando ele impõe seu gênio”<sup>55</sup>. O único modo de garantir a concórdia seria fazer com que cada gênio seguisse sua inclinação, e devia ser precisamente este o arco conceitual de Le Roy ao proclamar-se louvável pela sabedoria peregrina que professou. Portanto, podemos supor um lugar doutrinário em que a emulação ocorria nos parâmetros da concórdia, fosse pelo tácito acordo dos “pares”, fosse graças ao imperativo divino que acordava o timão do engenho a um indivíduo específico.

Esclarecidas a natureza e o dogma – que, em Le Roy, viabiliza-se através do serviço cortesão que lhe rendeu a “experiência” – resta tratar da imitação. Xenofonte, Isócrates, Platão e Demóstenes foram os “mestres”<sup>56</sup> eleitos, além de Cícero, cuja eloquência tornaria as demais disciplinas deleitosas<sup>57</sup>. O estudo sistemático de seus escritos seria o caminho para a

---

<sup>55</sup> “GENIE. Subst. Masc. Bon ou mauvais Demon que les Anciens croyoient accompagner les hommes illustres. Apulée a fait un Traitté du *Genie* de Socrate. Les Poëtes ont attribué à chaque chose et à chaque lieu un *Genie* ou Divinité qui y presidoit, et ont fait parler souvent le *Genie* du lieu, le *Genie* du temple, etc. Se dit dans le Christianisme des bons Anges qui accompagnent les hommes, ou qui sont donnez aux Estats et aux Eglises pour les proteger. Le bon *Genie* de la France a preservé son Roy dans la bataille. Se dit aussi du talent naturel, et de la disposition qu'on a à une chose plustost qu'à une autre. Pour faire une société qui dure, il faut qu'elle soit faite entre personnes de même *genie*. Un homme ne sçaurait reüssir, quand il force son *genie*. Il faut du *génie* pour la Poésie. Cet homme est un vaste *génie*, qui est capable de tout. Il faut que chacun suive son *genie*, son inclination. Ont dit aussi pour accuser un homme de foiblesse, ou de peu d'esprit, que ce n'est pas un grand *genie*.” FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant generalement tous les mots François tant vieux que modernes, & les Termes de toutes les Sciences et des Arts*. 1690, s/p.

<sup>56</sup> “Ainsi que les enfans pour seduire à escrire suyvent les tractz des lettres qu'on leur propose, les musiciens la voix de leurs maitres, et les peintres apprentiz les tableaux de leurs predecesseurs.” LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l'amour et de beauté...*, ff. 181r-181v.

<sup>57</sup> “[...] voyans toutes disciplines fort froides sans l'eloquence, je me suis adressé premierement à

conquista de reputação e mesmo da perfeição, motivo pelo qual Le Roy teria se dedicado à tarefa de traduzir os antigos. Mas “trabalhar para si” não bastava, de modo que o aprendizado que colheu só teria valor, a seu ver, caso os textos fossem compartilhados com a República das Letras<sup>58</sup>. Se os “frutos” do trabalho letrado permanecessem nas sombras, distantes do “público”, a consequência seria a “perda do vigor natural”, ocasionando o “envelhecimento” do letrado. A imitação pública passa a servir, portanto, de remédio contra a solidão<sup>59</sup>.

O valor de sua empresa é contrastado imediatamente com tópicos de humildade, conforme ditava o costume. No caso da apresentação de Le Roy, o estratagema era depreciar o trabalho tradutório<sup>60</sup>, tido por penoso e inglório<sup>61</sup>, lembrando que, não obstante desse a conhecer a galeria dos homens supremamente autorizados em cada gênero<sup>62</sup>, sendo, por isso, a

---

Ciceron, afin d'apprendre de luy la maniere de bien dire, specialement en Latin. Puis entendant que les Grecz l'avoyent rendu tel qu'il est, je suis recouru à eux, et en ay choisi quatre auteurs les plus excellens qui onques escrivirent, à sçavoir, Socrates, Xenophon, Platon et Demosthene, observant ce qui apparoissoit le plus beau et le plus digne en chacun [...].” LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l'amour et de beauté...*, f. 181r.

<sup>58</sup> Empregamos a expressão no sentido adotado por GRAFTON, Anthony. “A sketch map of a lost continent: the republic of letters”. In: *World made by words: scholarship and community in early modern west*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

<sup>59</sup> “Or d'autant qu'il ne suffit travailler pour soy: ains doit chacun selon la vacation à laquelle il est appellé proufiter au public: J'ay deja mis en lumiere la pluspart de ces labeurs, qui ont esté assez bien recueilliz. Car comme les eaues croupies en l'ombre, et ne coulans point, empuantissent: ainsi advient-il aux studieux s'ilz ne font quelque fruit, et le mettent en evidence: toute leur vigueur naturelle se pert, et enveillist.” LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l'amour et de beauté...*, f. 181v.

<sup>60</sup> Embora fosse consenso que da tradução não bastava para desencadear uma carreira gloriosa, é certo que ela acarretava benefícios, tendo sido a primeira atividade letrada a perceber ganhos pecuniários. Como Le Roy não procedia da nobreza, os “fardos” da tradução podem ter sido uma saída até sua ascensão na corte garantir-lhe boas condições materiais. Cf. CHARTIER, Roger. *La main de l'auteur et l'esprit de l'imprimeur*. Paris: Gallimard, 2015, p. 71; sobre as origens de Le Roy, cf. SCIACCA, Enzo. *Umanesimo e scienza politica nella Francia del XVI secolo...*, p. 9.

<sup>61</sup> “Vray est que traduire de soy et transcrire simplement d'un livre en l'autre, n'est tant louable qu'il est penible, et vaudroit trop mieux mettre en avant ses propres inventions, qui a moyen de le faire.” LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l'amour et de beauté...*, ff. 181v-182r.

melhor forma de imitação, jamais constituiria, por si só, labor suficiente para fomentar a “soberana perfeição”:

[...] mas eu falo da soberana perfeição, à qual poucos homens podem atingir seja qual for o ofício. A maneira de aspirar a ela não é apenas traduzir de uma língua em outra, ou escrever comentários, ou revisar e corrigir exemplares, como fazem a maioria dos letrados, mas buscando aquilo que os antigos ignoraram ou omitiram, aquilo que elucidaram mal ou confusamente, acrescentando o que a experiência diligente de muitas épocas desde então descobriu<sup>63</sup>.

Le Roy assume uma luta heroica perante a fortuna, da qual saiu bem-sucedido “na medida do possível”<sup>64</sup>, pois enfrentara socraticamente suas limitações com a defesa ferrenha da virtude pública. O resultado de seus esforços repousaria, além disso, nas condições celestiais, que julgava propícias para o enfrentamento dos antigos:

Espero que após tantas tempestades e tormentas, algum vento propício nos conduza ao porto de tranquilidade e repouso, onde possa me dedicar principalmente à ciência das coisas humanas e divinas, e às causas delas: em suma, aquilo que chamamos sapiência. Eis minha

---

<sup>62</sup> A galeria de *auctoritates* de Le Roy elegera Platão e Aristóteles (filosofia), Ptolomeu (matemática), Hipócrates e Galeno (medicina), César e Alexandre (arte militar), Demóstenes e Cícero (eloquência), Homero e Virgílio (poesia). LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l'amour et de beauté...*, ff. 182r-182v.

<sup>63</sup> “[...] mais je parle de la souveraine perfection, à laquelle peu d'hommes peuvent advenir en toutes professions. Et le moyen d'y aspirer, n'est en traduisant seulement d'une langue en autre, ou en escrivant commentaires, ou en conferant et corrigeant exemplaires, comme font la plupart des sçavants: ains en cherchant ce qu'ont ignoré ou obmis les anciens, racoustrant ce qu'ilz ont mal ou confusement traité, adjoustant ce que l'experience de plusieurs aages, et longue observation ont depuis decouvert.” LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l'amour et de beauté...*, f. 182v.

<sup>64</sup> “[...] Toustefois jusques icy j'ay combatu la fortune, et passé difficultez innumerables, perseverant au moins mal qu'il a esté possible en mon entreprise.” LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l'amour et de beauté...*, f. 183r.

intenção, meu verdadeiro objetivo, minha principal expectativa<sup>65</sup>.

4. O exemplo de Le Roy nos fornece pistas sobre as formas decorosas de conflito. Era plenamente aceitável que ele ocorresse dentro do âmbito mais geral da concórdia, presidido pela noção de emulação. Ambas eram, de fato, indissociáveis. Assim, modelos opostos de conduta, qualificações distintas do que fosse a *virtú*, a eleição de “guias” variados para os ensinamentos antigos e o aprendizado da “experiência” coexistiam, ainda que instigassem a comparação e eventual depreciação dos escritos menos aptos à *auctoritas*.

A controvérsia é, aqui, o jogo de espaços que ocorre no interior de um sistema forjado para distribuir os seres na hierarquia monárquico-celeste<sup>66</sup>, cujas engrenagens destinavam-se a assegurar a unidade do poder, celebrando a harmonia de um “reino de amor”<sup>67</sup>. Uma imagem eloquente desse ideal foi forjada pelo médico de Luís XI, Pierre Choynet. Em seu *Rosier des guerres* (1481-1482), Choynet descrevia o mundo como um

---

<sup>65</sup> “[...] Et espere qu’après tant d’orages et de tourmentes, quelque vent propice nous conduira au port de repos et de tranquillité, pour vacquer principalement en la science des choses humaines et divines et des causes qui les contiennent: qu’on appelle sapience. C’est mon intention, c’est mon vray but, c’est ma principale attente.” LE ROY, Loys. *Le Sympose de Platon, ou de l’amour et de beauté...*, f. 183v.

<sup>66</sup> A definição hierárquica e corporativa do Estado conhece grande sucesso nos anos 1550, quando livros como *Les Dialogues* (1556) de Louis Le Caron definem, aristotelicamente, a noção de que certos homens nascem para governar graças à nobreza de sua posição, enquanto outros são suficientemente fortes para cumprir as ordens destes, mas não para comandar. JOUANNA, Arlette. *La France de la Renaissance*. Paris: Perrin, 2009, p. 293.

<sup>67</sup> “Mais, toute traversée de ‘désordres’ qu’elle soit, la société du premier XVIe siècle continue à croire à la nécessité de la hiérarchie et à la ‘concorde des ordres’ qui en résulte. Elle se veut le miroir de l’univers, l’écho de multiples correspondances.” JOUANNA, Arlette. *La France de la Renaissance...*, p. 310.

tabuleiro de xadrez, no interior do qual “cada personagem está no lugar e no grau que convém a seu estado enquanto o jogo durar”<sup>68</sup>.

A metáfora do xadrez traduzia com clareza os *ethe* e os limites de seus movimentos. Quanto às “mutações”, “variedades” e “singularidades”, elas se configuravam à luz de regras imutáveis. Nessa perspectiva, as “peças” do jogo podem se digladiar e até mesmo perecer (na forma do esquecimento no caso de controvérsias letradas, na forma da morte no campo de batalha) sem prejuízo à partida<sup>69</sup>, desde que sua saída ocorresse nos formatos previstos.

Logo, as distinções entre *vita activa* e *vita contemplativa* apresentavam-se nos limites de um *antagonismo harmonioso*, como duas modalidades legítimas de conquista da posteridade e, ao mesmo tempo, duas formas concorrenciais de atingi-la. Tanto o *summum bonum*, entendido como “estudo filosófico das verdades eternas”, quanto o *negotium*, “sabedoria prática do prudente”<sup>70</sup>, atendiam ao objetivo comum de confeccionar *auctoritas*. Isso não escapou a um observador arguto como Montaigne. No ensaio sobre a solidão (I, 39), ele expõe um objetivo fundamental do “jogo” ao olhar para ele “de fora”, evidenciando a ambição privada que se oculta

---

<sup>68</sup> “L'estaz de ce monde et la fin sont représentés par un jeu d'eschecs, chascun personnage est en lieu et degré qui convient à son estat tant que le jeu dure; mais quand il est fini, tout est mis au sac sans ordre ne quelque différence.” BELL, Dora M. *L'idéal éthique de la royauté en France au Moyen Âge, d'après quelques moralistes de ce temps*. Genève: Droz, 1962, p. 154.

<sup>69</sup> À exceção da figura do rei, cuja permanência é pré-condição do jogo, como bem esclarecem João Adolfo Hansen e Marcello Moreira: “Cada tipo de movimento a ser realizado pelas peças é explicado por analogia com os movimentos desses ‘mesmos elementos’ dos corpos de armas no campo de batalha. O rei, embora seja a peça mais importante, não tem a mesma liberdade de movimento de outras peças. É a única que se não pode perder, pois se há monarquia com a morte de cavalo ou de elefante, com perda de torres e de peões, e embora ela possa perpetuar-se mesmo com a morte do monarca, a desaparecimento deste pode pôr fim à linhagem, acontecimento sempre traumático para a comunidade política. Em vez de a limitação de movimentos ser um desabono para o rei, é antes condição de seu louvor, pois a ele não cabe a impetuosidade dos combatentes.” HANSEN, João Adolfo; MOREIRA, Marcello. *Para que todos entendais a poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra: letrados, manuscritura, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, pp. 257-258.

<sup>70</sup> TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros: Retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010, p. 110.

em cada labor público e o anseio, por vezes desmedido, pela “imortalidade”:

Deixemos de lado aquela longa comparação entre a vida solitária e a vida ativa; e, quanto àquelas belas palavras com que se encobrem a ambição e a cupidez – que não nascemos para o nosso particular, mas para o público –, dirijamo-nos sem hesitar aos que estão na dança; e que eles questionem na consciência se, ao contrário, os cargos, os encargos e esses aborrecimentos do mundo não são procurados principalmente para tirar do que é público seu proveito particular<sup>71</sup>.

E, mais adiante:

Mas ouçamos o conselho que o jovem Plínio dá a Cornélio Rufo, seu amigo, sobre esse assunto da solidão: ‘Aconselho-te, nessa solidão plena e nédia em que estás, a entregares para tua gente esse baixo e abjeto cuidado da propriedade, e te dedicares ao estudo das letras, para tirar dele alguma coisa que seja totalmente tua’. Ele se refere à reputação, com disposição semelhante à de Cícero, que diz pretender empregar sua solidão e descanso dos assuntos públicos em conquistar através de seus escritos uma vida imortal [...]. Parece que seria correto, já que estamos falando de retirar-se do mundo, olhar para fora dele; estes, só o fazem pela metade. Eles preparam bem seu jogo para quando já não estiverem aqui; mas ainda então, ausentes, pretendem obter do mundo o fruto de seu projeto, por uma ridícula contradição (I, 39).

Tudo se passa como se essa poética da discórdia tivesse sido concebida a partir de dispositivos de *auctoritas* de uso incontornável, a despeito do

---

<sup>71</sup> MONTAIGNE, Michel. *Ensaios*: livro I. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 354.



ceticismo de letrados como Montaigne, para quem essas práticas não deviam passar de condutas sem crença envoltas por uma “bruma de cotidianidade”<sup>72</sup>. Isso no leva a crer que as técnicas empregadas na constituição do *ethos* devem ser entendidas para além da noção de representação como dispositivo de produção e reprodução de posições hierárquicas<sup>73</sup> (mas sem prejuízo dela). A tessitura da escrita, o solo comum onde as práticas letradas se sedimentavam, calcava-se na expectativa da passagem à posteridade, somente obtida por meio da rivalidade. Ao achar correspondências decorosas no vasto repertório das *auctoritates* e ao representar-se à luz dos modelos escolhidos, variando seus usos engenhosamente, os letrados figuravam tipos que aspiravam à condição de *auctor*, dignos, eles próprios, de imitação e emulação, o que aduz o componente de disputa intrínseco à escrita. A controvérsia é, portanto, o mecanismo por excelência de toda ação escriturária no âmbito do regime retórico. Seguimos, nesse sentido, a intuição de Ricoeur, para quem o atributo comum dos gêneros discursivos é precisamente a “rivalidade”:

Eles [os gêneros deliberativo, judiciário e epidítico] têm em comum a rivalidade entre discursos opostos entre os quais é preciso escolher. Trata-se, em cada caso, de fazer prevalecer um juízo sobre outro. Em cada uma das situações dadas, uma controvérsia convoca o imperativo da decisão. Pode-se falar em um sentido amplo de litígio ou de processo, mesmo no gênero epidítico<sup>74</sup>.

Evidentemente, há diversos impasses no exame desses procedimentos. Em que medida era viável determinar as tipologias eleitas (ou seja, quais

---

<sup>72</sup> VEYNE, Paul. “Conduitas sem crença e obras de arte sem expectador”. Trad. Andra Daher *et alii*. *Topoi*, Vol. 13, Nº 24, jan.-jun., 2012, p. 181.

<sup>73</sup> HANSEN, João Adolfo. “Autoria, obra e público na poesia colonial luso-brasileira atribuída a Gregório de Matos e Guerra...”, p. 106.

<sup>74</sup> RICOEUR, Paul. RICOEUR, Paul. “Rhétorique, poétique, herméneutique”. In: MEYER, Michel (org.). *De la métaphysique à la rhétorique*. Bruxelles: Éditions de l’Université de Bruxelles, 1986, pp. 143-144.

fossem dignas de “boa fé”, *fides*) e quem as escolheria, num mundo em que as Letras não se organizavam institucionalmente segundo a noção de “originalidade”? Para examinar a hipótese de que a *auctoritas* equivalia a uma passagem que tinha na controvérsia harmoniosa o mecanismo de sua encenação, devemos ter em mente três matrizes decisivas e intimamente atreladas. Primeiro, a capacidade monárquica de dignificar as práticas letradas, transmitindo-lhes e recebendo delas algo de seu valor transcendental; segundo, o fato de que ambas, práticas letradas e realeza, eram substancializadas no interior de uma ordem político-teológica; terceiro, a provisoriedade das práticas letradas, confinadas a durações de ordem material e metafísica que condicionavam sua subsistência à ordem do contingente.

Para os propósitos de nosso argumento, é essencial destacar que a passagem à *auctoritas* consistia no resultado das tensões entre a emulação e as várias agências que testavam sua eficácia, pondo o resultado de toda *performance* em risco. Eis a condição que supomos para aquelas práticas, confinadas, de um lado, à função-posteridade, fruto da emulação, que poderia resultar ou não em *auctoritas*, e, ainda, da ameaça de completo desaparecimento, que inviabilizaria a permanência do nome do letrado<sup>75</sup>.

Dentre os *exempla* que se podiam colher nos escritos das *auctoritates* mobilizadas por aqueles letrados, prevalecia a associação entre o apuro do engenho e a imortalidade. Vejamos, para exemplo, a *auctoritas* Salústio. Em *Bellum Jugurthinum*, lê-se que a diligente busca pela glória, além de afastar os homens de interesses mesquinhos e perigosos, era o percurso para a passagem da mortalidade à imortalidade (1, 5). Se o corpo fatalmente perece e morre, e tudo que cresce decai, o mesmo não se diz

---

<sup>75</sup> “Mais c’est l’oeuvre qui s’épanouit ou s’évanouit, c’est elle qui progresse ou qui est dévorée. Progression pathétique à travers les ténèbres dans lesquelles ou s’avance à tâtons, comme quelqu’un qui gravirait une montagne dans la nuit, toujours incertain si son pied ne va pas rencontrer un abîme, sans cesse guidé par la lente élévation qui le fera cheminer jusqu’au sommet. Dramatique et perpétuelle exploration plutôt qu’abandon au cheminement spontané d’une destinée...” SOURIAU, Etienne. “Du mode d’existence de l’oeuvre à faire...”, p. 205.

da alma [*animus*], incorruptível e eterna (2,3). A forma de preservação do “gênero humano” encontrar-se-ia, então, na *memoria rerum gestarum*, isto é, na sobrevivência através do renome, face visível dela. Salústio o define recuperando os ditos de Quintus Maximus e Publius Scipio, que se diziam inflamados pela virtude imperecível representada pelas máscaras de cera de seus ancestrais (4, 5-6). Estátuas, máscaras; em suma, formas frias<sup>76</sup> de estocagem da autoridade imprescindíveis à preservação dos nomes ilustres.

Essa percepção parte do princípio de que as estratégias de constituição do *ethos* identificadas nos escritos de Le Roy e de Budé constituíam práticas simbólicas e metafísicas cujo cerne residia na aquisição de *auctoritas* e, por conseguinte, na monumentalização.

Os modelos mobilizados nos escritos de Le Roy permitem-nos esboçar um mapa para o vasto território das práticas letradas francesas na época moderna; a possibilidade então vigente de diferir harmoniosamente e a tópica da excelência singular sugerem como “controvérsia” e “concordia” compunham uma mesma ordem, cujo propósito seria superar a morte através das Letras. As disputas representavam – e, bem entendido, tentavam instaurar – um futuro à imagem do passado com que concorriam; para empregar outra imagem cunhada por Montaigne (I, 39), elas estavam para a imortalidade assim como os torneios e as justas estavam para a guerra<sup>77</sup>.

---

<sup>76</sup> DUPONT, Florence. *L'invention de la littérature: de l'ivresse grecque au texte latin*. Paris: La Découverte, 1998, p. 289.

<sup>77</sup> Cabe lembrar que comparação entre justas e controvérsias era corriqueira na Europa do século XVI. A opinião de Montaigne reporta-se, portanto, à percepção geral de que as disputas públicas assumem o caráter de guerras letradas. PANTIN, Isabelle. “La querelle savante dans l'Europe de la Renaissance”. *Enquête*, Nº 05, 1997, p. 6.

